



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE FILOSOFIA – LICENCIATURA PLENA**

**Elton John Miranda Araujo**

**AMOR CONCRETO OU ABSTRATO?  
Sobre *As Obras do Amor* de Søren Kierkegaard e sua crítica por Theodor Adorno**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

ELTON JOHN MIRANDA ARAUJO

**AMOR CONCRETO OU ABSTRATO?**  
**Sobre *As Obras do Amor* de Søren Kierkegaard e sua crítica por Theodor Adorno**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663a Araujo, Elton John Miranda.  
Amor concreto ou abstrato? [manuscrito] : sobre *As obras do amor* de Soren Kierkegaard e sua crítica por Theodor Adorno / Elton John Miranda Araujo. - 2022.  
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano, Departamento de Filosofia - CEDUC."

1. Amor. 2. Dever. 3. Interioridade. 4. Contingência. I.

Título

21. ed. CDD 198.9

ELTON JOHN MIRANDA ARAUJO

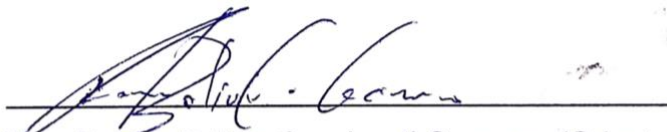
**AMOR CONCRETO OU ABSTRATO?**

**Sobre As Obras do Amor de Søren Kierkegaard e sua crítica por Theodor Adorno**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Filosofia.

Aprovada em: 22/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Otacilio Gomes da Silva Neto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, por não terem desistido de mim em nenhum momento sequer, DEDICO.

“Pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, senão o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou.” (KIERKEGAARD, 2013, p. 20).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>AS OBRAS DO AMOR .....</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>A CRÍTICA .....</b>	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

**AMOR CONCRETO OU ABSTRATO?**  
**Sobre As Obras do Amor de Søren Kierkegaard e sua crítica por Theodor Adorno**

CONCRETE OR ABSTRACT LOVE?  
 About Søren Kierkegaard's *Works of Love* and their review by Theodor Adorno

Elton John Miranda Araujo

**RESUMO**

Em *As Obras do Amor*, bem como em seus outros escritos, o intuito do pensador dinamarquês Søren Kierkegaard foi o de exumar os conceitos do cristianismo deteriorados e secularizados após todos esses tempos em que a cristandade regeu o mundo, fazendo uma análise crítica, em uma sequência de discursos, do que seria o amor cristão. Um século mais tarde, Theodor Adorno redige uma crítica acerca da obra do mestre dinamarquês apontando falhas intrínsecas ao conceito daquele amor cristão, interpretando-o como pura generalização e abstração com relação ao seu objeto, o que resultaria em uma desumanização do amado. Neste trabalho, apresentamos, em primeiro lugar, os termos gerais da ideia de amor em Kierkegaard. Em seguida, expomos a crítica efetuada por Adorno no ensaio *A Doutrina Kierkegaardiana do Amor*. Ainda que a nossa intenção não seja avaliar a correção da crítica de Adorno, sugerimos, ao final, que talvez existam algumas limitações na revisão de Adorno que devem ser levadas em consideração.

**Palavras-chave:** Amor. Dever. Interioridade. Contingência.

**ABSTRACT**

In *The Works of Love*, as well as in his other writings, the aim of the Danish thinker Søren Kierkegaard was to exhume the deteriorated and secularized concepts of Christianity after all these times when Christianity ruled the world, making a critical analysis, in a sequence of discourses, of what would be Christian love. A century later, Theodor Adorno writes a critique of the work of the Danish master pointing out intrinsic flaws in the concept of that Christian love, interpreting it as pure generalization and abstraction in relation to its object, which would result in a dehumanization of the beloved. In this paper, we first present the general terms of the idea of love in Kierkegaard. Then, we expose the criticism made by Adorno in the essay *The Kierkegaardian Doctrine of Love*. While our intention is not to assess the correctness of Adorno's critique, we suggest, in the end, that there may be some limitations to Adorno's review that should be taken into account.

**Keywords:** Love. Duty. Interiority. Contingency.



## 1 INTRODUÇÃO

Em 1847, Søren Aabye Kierkegaard (Copenhague, 5 de maio de 1813 – 11 de novembro de 1855), publicava o seu escrito *As obras do amor*<sup>1</sup>, dando margem para uma expressão de imersão reflexiva sobre a vida cristã na perspectiva do amor. Com sua notável sequência de considerações religioso-filosóficas sobre o amor no pensamento cristão em contraste com a cultura proeminente e a sociedade cristã burguesa e deteriorada de sua época, que “reduziram o cristianismo a um quase teatral ‘esteticismo’ sem real paixão religiosa e que caem sob a noção de ‘cristandade’” (PICH, 2021, p. 280), o jovem filósofo dinamarquês nos leva, com sua escrita poética e paradoxal, a refletir sobre o conceito de amor, que há muito estava em derrocada, afundando na lama do egoísmo e da superficialidade mundana.

Podemos reconhecer em meio às páginas dessa obra que Kierkegaard já executava algo que o caracterizou também como um grande pensador, a saber, uma exumação crítica das ideias centrais da religião cristã. Recorrendo tanto ao platonismo quanto ao paganismo juntamente com a cultura cristã secular de seu tempo, para tentar analisar e examinar o cerne dos conceitos principais das visões teóricas e práticas do Cristianismo. E sempre buscando compreender o que lhe é realmente originário e verdadeiro, o que é essencialmente ligado a Cristo e, portanto, o que é especificamente cristão, retirando essa capa escusa e empoeirada da religião revelada que lhe distorce o caráter e trazendo a luz seus verdadeiros conceitos cardeais, com um mérito filosófico sem precedentes.

Não parece distante do intuito de Kierkegaard cercar o entendimento do crístico com aquilo que, de forma marcante, o Apóstolo Paulo dissera da mensagem dos seguidores de Cristo, ao compará-la com a do judaísmo e a da sabedoria grega: escândalo e loucura. Quando se apresenta ao pensamento, não há outro recurso senão reconhecer que o crístico se diz no paradoxo, uma vez que o infinito e o eterno ganham realidade efetiva no finito e no tempo – e, nessas dimensões ou modos do ser, ele se diz com todos os deslocamentos possíveis de expectativas da razão (para-doxos) sobre a entidade divina testemunhada na história (PICH, 2021, p. 284).

Logo na *Primeira Série* de discursos sobre o amor podemos identificar que Kierkegaard inicia o seu trabalho analisando o mandamento do amor a partir dos três termos de uma relação de amor: a noção de mandamento ou de dever (o “tu deves”), o objeto desse dever (que é “o próximo”) e o sujeito encarregado desse sacro chamado (o “tu”). Dando continuidade, a *Segunda Série* traz como temática abrangente as atitudes ou disposições de ação do espírito (em outras palavras da alma e da vontade que ama) e as atitudes relacionais que designam o que Kierkegaard irá definir como as “obras” do amor, ou seja, “examina-se o que o amoroso, em sentido crístico, faz para o seu próximo” (PICH, 2021, p. 285).

---

<sup>1</sup> Devemos destacar aqui que *As Obras do Amor* se constitui como um membro textual de suma importância na coletânea de obras de kierkegaardianas. Nela não encontramos um texto assinado por um personagem fictício com um pseudônimo criado por Kierkegaard como vemos como em *Migalhas filosóficas* (1844), de Johannes Climacus, ou no *O conceito de angústia* (1844), da pena de Vigilius Haufniensis ou ainda em *A doença para a morte* (1849), de Anti-Climacus. Segundo Pich (2021, p. 282) “há quem situe *As obras do amor* em um “segundo percurso” de Kierkegaard (Henri-Bernard Vergote), em que, aproximadamente de 1847 a 1849, destacam-se escritos que abordam assuntos centrais da religião e da teologia cristã – escritos esses que, assim como todos os textos entre 1851 e 1855, nos quais predominam as controvérsias contra o *establishment* eclesiástico-cristão do Reino da Dinamarca, são então assinados de forma autonímica”.

Entretanto, o próprio Kierkegaard previne que o que ele descreveu foi apenas uma apuração comedida das obras do amor, como meio de convite para o leitor atento conhecer e viver esse amor. Pois, em toda a sua riqueza, o amor se revela “essencialmente inesgotável”, em vista de que o amor como tal, em sua plenitude de ser, “por essência não pode ser descrito” (KIERKEGAARD, 2013, p. 17).

Por sua vez, o breve ensaio *A Doutrina Kierkegaardiana do Amor*<sup>2</sup> (1940) foi redigido na metade da vida de Adorno e anexado posteriormente à sua tese de habilitação escrita na década de 1920: “Kierkegaard: Construção do Estético” (*Kierkegaard: Konstruktion des Ästhetischen*) sobre o conjunto da filosofia do mestre dinamarquês. Adorno tinha em vista lograr uma interpretação da obra de Kierkegaard como um todo. Neste sentido, Kierkegaard sempre acompanhou Adorno na sua jornada filosófica e em várias fases de sua vida. O que caracteriza o artigo-conferência sobre a doutrina do amor é o fato de dedicar-se à análise de um único livro de Kierkegaard, cuja tradução aparece na Alemanha apenas em 1924 pela editora alemã de Eugen Diederichs, numa tradução de Christoph Schrenpf. Sobre esse contexto da obra, Valls (1993, p. 596) explica que “trata-se de uma obra do ‘segundo percurso’ kierkegaardiano, editada em Copenhague em 1847, no mesmo ano em que a ex-noiva de Kierkegaard, Regine Olsen, se casaria com Fritz Schlegel, e um ano após a furiosa, desumana e sob muitos aspectos martirizante polêmica com o jornal satírico ‘O Corsário’”.

No seu ensaio, Adorno, com perspicácia, percebe alguns pontos importantes, os quais usará como foco central de suas duras críticas à concepção de Kierkegaard sobre o amor. Na nossa análise elas foram agrupadas em quatro grupos, a saber, as críticas relacionadas à carência de objeto do amor, à interioridade exacerbada, ao caráter universal e, portanto, contingente do *próximo* e à falta de um comprometimento social dessa doutrina.

Logo, objetivou-se com esse trabalho apresentar o ponto de vista crítico de Adorno que tende a penetrar, com o olhar de seu século, a filosofia do amor do jovem mestre dinamarquês. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: conceituar a definição própria kierkegaardiana do que seja o amor e, em paralelo, verificar o plano de fundo onde este último alcança sua plenitude no agir, a saber, o crístico. Em seguida, expor os principais elementos da análise adorniana na compreensão d’*As Obras do Amor* como um todo, cem anos após esta ser publicada.

De início, na primeira seção iremos adentrar no escrito base dessa análise, *As Obras do Amor*, tanto a primeira quanto a segunda série de discursos componentes do material escrito em 1847 pelo filósofo de Copenhague. Já na segunda seção, daremos continuidade à nossa abordagem ao tentar apresentar as linhas gerais do artigo-conferência de Adorno, destacando e descrevendo cada uma de suas críticas aos respectivos pontos abordados na obra base.

Importa ressaltar ainda que não é nossa intenção aqui avaliar a correção ou validade da crítica de Adorno. Em todo o caso, estamos convencidos de que a nossa pesquisa guarda ainda um potencial analítico e crítico que podemos explorar em trabalhos futuros. Em outras palavras, acreditamos que a deliberação crítica sobre a validade e precisão da crítica de Adorno pode ser um importante caminho de análise para pesquisas posteriores.

---

<sup>2</sup> Um fato interessante é que “Este artigo-conferência está dedicado à memória de sua ‘segunda mãe’ (a tia Agathe), falecida em 26 de junho de 1935, enterrada em Frankfurt, agora junto a ele” (VALLS, 1993, p. 595).

## 2 METODOLOGIA

A abordagem filosófica utilizada neste trabalho foi a de uma hermenêutica do conjunto de discursos encontrado no livro *As Obras do Amor* de Søren A. Kierkegaard e da posterior crítica de Theodor W. Adorno em *A Doutrina Kierkegaardiana do Amor*.

O tipo de pesquisa apresentado nesse artigo é o bibliográfico e documental com caráter comparativo, visando à compreensão do pensamento filosófico de Kierkegaard sobre a questão do amor em suas variadas instâncias e domínios, mediante uma investigação que favoreça uma identificação distinta da abordagem, e que nos mostre, não obstante, a validade e a efetividade da crítica adorniana feita à mesma.

O autor usou como instrumentos de pesquisa fichamentos, resumos e resenhas, e seus procedimentos de análise seguiram por uma via qualitativa, pela identificação dos principais conceitos da doutrina kierkegaardiana do amor sob o olhar crítico de Adorno.

## 3 AS OBRAS DO AMOR

Kierkegaard inicia sua *primeira série* de discursos sobre o amor argumentando contra a sagaz ilusão de não poder ser enganado, a lisonjeira presunção que se sabe e que aparenta estar totalmente protegida contra enganos. Mas o enganar-se a si mesmo quanto ao amor, se mostra como uma perda irreparável, uma autoilusão que, sagazmente, caminha direto para a armadilha desta mesma sagacidade. Contudo, quem foi enganado no tempo pode ser reparado copiosamente na eternidade, entretanto quem enganar a si mesmo quanto ao amor, tem uma perda eterna e sem reparação, já que o amor é a melhor de todas as defesas contra a enganação e a hipocrisia, pois desde toda eternidade, ele nada tem a ver com elas, desmascarando-as e trazendo-as à luz mesmo sem pretender ou sem procurar.

A possibilidade de um tal engano se revela por duas vias: ou não temos conhecimento dos frutos do amor, ou não sabemos julgar corretamente aquele caso em particular. Com efeito, o amor faz a sua morada no oculto, revelando-se apenas no conhecimento de seus frutos. Esse lugar oculto, do qual procede a vida do amor, é o mais íntimo do coração do homem, porém é totalmente inacessível penetrar sua gênese para descobrir seus mistérios, como a ponta de um arco-íris que sempre parece estar longe quanto mais formos em sua direção. Logo, a fundação do amor está em algo mais insondável e a origem misteriosa do amor no amor de Deus numa relação íntima e oculta, cujo fundo tende a enganar os curiosos, pois apenas oculta um fundo mais profundo. E mesmo sendo oculta sua vida também é movimento, abriga eternidade em si, sua fonte é perene e incessante, tendo vivacidade e frescor de sobra para ser calorosa e incongelável.

Destarte, podemos resumir que a cognoscibilidade do amor pelos frutos designa uma de suas mais altas riquezas e a contradição e tortura que seria se o oposto fosse verdadeiro, se o amor exigisse manter oculto os seus frutos. As folhas também são um meio, secundário, de se conhecer a árvore, em analogia com as palavras e as maneiras de falar que podem servir de sinais do amor, todavia, de maneira incerta. Mas, há uma demanda de formação do coração, não de forma natural, mas no sentido da eternidade, onde o amor reforce e forme o coração humano, como condição essencial para que se produza o fruto próprio do amor, no qual este se dá a conhecer. Existe, contudo, uma diferença entre a vida oculta do

amor (e sua cognoscibilidade pelos frutos) e o ato desamoroso de julgar os frutos, pois mesmo o amor sendo reconhecido por seus frutos, não devemos importunamente tentar ver os frutos, antes basta crer no amor, senão nem se perceberá que ele está presente.

O fato de o ser humano amar a si mesmo é o pressuposto assumido no ponto de partida da consideração feita até agora, podendo ser encontrado no fragmento “*tu debes amar o teu próximo como a ti mesmo*” (Mt. 22:39) do discurso cristão. A intenção do Cristianismo, com esse mandamento, é arrancar o egoísmo de nós humanos em contradição com a sabedoria mundana que consagra o amor de si mesmo. Surge aqui então a comparação entre o amor cantado pelo poeta e o amor ordenado pelo Cristianismo: o amor cantado é aquele amor pagão natural ou da amizade que se enquadram como amor de predileção, onde se ama, apenas, esta única pessoa antes de qualquer outra, mais ainda, em oposição a todas as outras.

Ao contrário, o ensinamento cristão é de amar o próximo, amar todo o gênero humano, sem fazer exceções de predileção ou de aversão. O próximo significa todos e cada homem, que por sua vez está mais próximo do que o amado ou o amigo, pois eles, como objeto de predileção, fazem causa comum com o egoísmo e o amor de si. Assim, aquele para quem eu tenho obrigação é o meu próximo, e quando eu cumprio o meu dever eu mostro que eu sou o próximo, ou seja, ao reconhecer o teu dever tu descobres facilmente quem é o teu próximo; portanto, não se tratando então de saber quem é o próximo, mas sim de a gente mesmo se tornar o próximo.

Em vista disso, ocorre com o amor a mudança da eternidade, tornando-o um dever, adquirindo, assim, continuidade, e por consequência perdurando, lançando fora toda angústia e desespero pela garantia da eternidade, vencendo as forças do hábito letárgico, tornando-se perfeito e garantido, onde não é necessária nenhuma prova, sendo dependente apenas do dever, da lei da eternidade, que por sua vez é a única coisa que o liberta para uma feliz independência eterna. Desse modo o amor regido pelo mandamento se protege contra o desespero e os infortúnios, sem recorrer a fracos e mornos consolos, justamente tornando-se eterno. Em sua essência, o mandamento não é proibitivo, mas imperativo, dizendo que tu debes amar. Com isso, o “tu debes amar” remove tudo o que é mal no amor e conserva-o saudável para a eternidade, e assim esse mandamento torna-se o elemento salvador, purificador e enobrecedor para o homem em toda e qualquer situação.

Pois é o amor cristão que descobre e sabe que o próximo existe e – o que dá no mesmo – que cada um é o próximo. Se amar não fosse um dever, também não haveria o conceito do próximo; mas só se extirpa o egoístico da predileção e só se preserva a igualdade do eterno quando se ama o próximo (KIERKEGAARD, 2013, p. 63).

Existe a necessidade de tornar nítido o ponto da discussão para com isso impedir o indivíduo de receber uma impressão confusa do que pertence a cada um. O amor sensual e o louvor da amizade (nascidos do instinto, da inclinação e da predileção) pertencem ao paganismo que, por sua vez, luta somente de um jeito, num “tudo ou nada”. Esses “amores de predileção” foram destronados pelo Cristianismo, colocando no seu lugar o amor espiritual, o amor ao próximo, que em seriedade e verdade é mais cuidadoso e solidário, que não quer e nem requer ser cantado, mas sim, crido e vivido.

O que ensina então o poeta sobre o amor e a amizade? O amor natural baseia-se num instinto que, transfigurado em inclinação, afirma haver só um único amado no mundo todo, e que esta única e primeira vez do amor natural constitui o amor em si.

Em via oposta, o amor cristão ensina e ordena amarmos todos os homens, absolutamente todos, com a mesma força incondicional que o amor natural insiste em amar apenas um, constituindo assim a diferença eterna possível da paixão.

É demasiado evidente a impossibilidade de viver ao mesmo tempo de acordo com a explicação do poeta e a do Cristianismo, já que o amor e a amizade são uma questão de sorte, de felicidade. Por outro lado, o dever é uma tarefa ética que não perde tempo em raciocínios e introduções. Assim, o Cristianismo ensina o caminho mais curto ao bem supremo (ou seja, a Deus), o caminho daquele “tu deves”, cujo alvo é o *próximo*, isto é, todo e qualquer ser humano do qual nos aproximamos.

O ponto polêmico entre o poeta e o Cristianismo deixa-se determinar aí com exatidão: amor humano e amizade são predileção e paixão preferencial; o amor cristão é amor de abnegação, que tem aquele ‘deves’ por fiador. Debilitar essas paixões é a confusão. Mas a extrema imensidão apaixonada da predileção no excluir significa amar apenas a um único; o extremo ilimitado da abnegação na dedicação significa não excluir nem um único” (KIERKEGAARD, 2013, p. 72).

A predileção da paixão revela-se apenas como mais uma forma de amor de si. Podemos definir, por consequência, que a pessoa amada e o amigo podem ser chamados de “o outro si”, um outro eu, situando o amor egoístico e voluntarioso de si para consigo mesmo, no próprio eu, se conflagrando espontaneamente por si mesmo. Longe disso, o próximo é justamente a determinação intermediária da abnegação que expulsa toda predileção e todo amor de si, pois o próximo, apesar de se constituir um único objeto, representa todos os homens. “Dessa forma a abnegação pronuncia seu julgamento, e então estipula a tarefa: ama o próximo, a ele tu deves amar.” (KIERKEGAARD, 2013, p. 76).

A abnegação é reconhecida então como a forma essencial do Cristianismo, a qual torna um homem sóbrio no sentido da eternidade e que me impossibilita de tornar-me um com o próximo ou ser o próprio próximo, sendo assim um amor segundo o espírito, que seguindo o mandamento de amar a Deus acima de todas as coisas, ama ao próximo. Em contrapartida, o ponto máximo de sua ausência é a embriaguez da autoestima de si que será admirado no amor natural e na amizade, onde estão contidos uma determinação natural (instinto-inclinação) e o amor de si numa identidade egoística.

Segundo Kierkegaard (2013, p.79) “O amor ao próximo é, portanto, a eterna igualdade no amar, mas a igualdade eterna é o oposto da predileção”. Trata-se, como podemos notar, de uma tarefa que provoca escândalo, sim, mas a possibilidade do escândalo é justamente o vigia que dá acesso ao essencial do Cristianismo, educando justamente através do choque. Assim, acontece com o mandamento do amor ao próximo, o teor de sua exigência implica na possibilidade do escândalo, salvaguarda do elemento essencialmente cristão.

Esse mandamento requer que se parta diretamente para a ação e o cumprimento de sua tarefa, sem se aparentar com algo diferente do que ele é, pois, como o apóstolo Paulo respondera à pergunta sobre o que é o amor: “*o amor é o pleno cumprimento da lei*” (Rm 13:10); fornecendo a direção e o impulso para agir de acordo com ela, cortando as digressões remotas e apresentando a tarefa, tão próxima quanto possível daquele que pergunta. A diferença se torna ainda mais evidente, já que a mera lei, por assim dizer, deixa faminto o homem que suspira sob ela; tira, exige, extorque até o extremo com suas determinações, não havendo nunca limites para suas exigências. Por isso, a lei se assemelha à morte, sendo diametralmente oposta

ao amor que é vida e plenitude. Apesar disso Kierkegaard (2013, p. 130) afirma que “Não há nenhum conflito entre a lei e o amor, [...]. Não há uma única determinação da lei, nem uma única, que o amor queira excluir, pelo contrário, é o amor quem lhe dá todo o cumprimento e a *determinidade*”.

O amor como o pleno cumprimento da lei não faz concessão à curiosidade, à ociosidade e ao egoísmo, nem muito menos dispõe tempo para se fazer uma promessa, que, por sua vez, é um equívoco, um desvio e uma demora da execução da tarefa, um entusiasmo do instante que logo depois se torna desilusão. Entretanto, vale ressaltar que não falamos de uma atividade febril, impensada ou uma ocupação mundana qualquer, como alguém que está atarefado e disperso, pois o amor cristão, afastando desses últimos conceitos, está sempre presente, íntegro e concentrado em cada uma de suas manifestações, sendo um puro agir, jamais se iludindo, se demorando ou ficando ocioso.

Desta forma, o filósofo dinamarquês exorta que “concentremos a multiplicidade da lei no decisivo, a saber, a exigência do amor que, por sua vez, tem que ser dupla, em parte uma exigência de interioridade, e em parte uma exigência de persistência” (KIERKEGAARD, 2013, p. 156). A interioridade entendida à maneira divina é a da abnegação ou renúncia de si, que se define como auxiliar da pessoa amada a amar a Deus. Essa interioridade do amor deve estar disposta ao sacrifício, e mais: sem nenhuma recompensa, mesmo que isso signifique ser odiada, o que é uma demência para o mundo humanamente falando. Por sua vez, a exigência de persistência no tempo quer que essa mesma interioridade do amor seja mantida ao longo do tempo, não se afastando do entusiasmo com o tempo, mas seguindo apressadamente com a velocidade do tempo e, contudo, vagarosamente com a demora da eternidade.

É nessa exigência que ocorre uma transformação infinita, que o Cristianismo sempre planeja e emprega, caracterizada por tornar toda e qualquer relação humana entre dois indivíduos em uma relação de consciência, e, por consequência, numa relação de amor. Isso não ocorre no exterior, na aparência, mas sim insuflando a vida eterna no interior, bem no fundo de cada ser humano, justamente porque o Cristianismo consiste em interioridade. Guiado pelas determinações citadas na passagem de 1º Timóteo 1, 15, atestou-se que o amor é um assunto de consciência, e que, por isso, deve proceder de um coração puro e de uma fé sincera. Como o amor é caso de consciência, ele afasta da alçada do sentimento, dos cálculos do intelecto, dos instintos e das inclinações que nos fazem amar preferencialmente através da discórdia da seleção, o que para o Cristianismo nada mais é do que falta de consciência. Reafirmamos, portanto, que “O amor só brota de um coração puro e de uma fé sincera quando ele é uma questão de consciência” (KIERKEGAARD, 2013, p. 181).

É justamente essa consciência que mantém no dever imposto pela tarefa divina de amar, no que se refere a encontrar no mundo da realidade aqueles a quem podemos amar, em especial, amar e achar amável todos os homens que vemos. Sem procurar por excelências ou perfeições, nem se entregar a amar uma miragem ilusória ou representação exaltada, deixando de lado toda crítica ou abandono. Em suma, não devemos tentar encontrar o objeto amável, mas antes, devemos achar dignos de amor os objetos uma vez dados ou escolhidos, e em poder continuar achando-os amáveis, por mais que eles se transformem. “Pois o sábio acredita que desperdiça seu amor quem ama as pessoas imperfeitas e fracas; eu acreditaria que isto seria aplicar o seu amor, fazer uso dele” (KIERKEGAARD, 2013, p. 192).

O verdadeiro amor, no sentido cristão, é antes o do olhar da indulgência e da bondade, que não vê as falhas e as imperfeições. Portanto, o homem deve renunciar

a todas as suas representações exaltadas e começar amando o Invisível, aprendendo o que é amar com Ele, mas, e aqui está um ponto crucial, amá-lo deve justamente implicar no amor pelo visível, pelo homem real que está diante do amoroso. Quanto mais ele ama o primeiro, tanto mais há de amar o segundo.

Amar assim é contrair uma dívida infinita de amor para com quem ama, é uma relação de infinidade porque o amor é infinito, e, por consequência, torna a dívida impossível de saldar e convence o amante de que sua obra não tem mérito algum. Contudo, não se trata de uma relação contábil de quitação ou de simples cálculo onde temos que pagar uma dívida de amor em prestações que contraímos ao sermos amados, mas sim permanecendo na dívida de forma ativa e amorosa, colocando seu amor junto em tudo o que faz, realizando-o sem precisar de cálculos ou apuração, pois, não perde nenhum instante para expressar seu amor e dedicação.

Mas, o que deve ser feito para se permanecer na dívida de gratidão uns para com os outros? Kierkegaard afirma que “tudo o que deve ser conservado vivo tem de ser conservado em seu elemento” (2013, p. 209), e como já sabemos que o elemento do amor é a infinidade, logo, para se conservar o amor precisamos prestar atenção para que ele na liberdade e na vida não saia da infinidade da dívida. E o que poderia levar o amor a sair de seu elemento? Justamente o se demorar junto a si mesmo ao se tornar objeto para si mesmo, designado como *comparação*. Nela perde-se o instante que deveria ser preenchido com uma expressão da vida do amor. Um instante na *comparação* é um instante egoísta e que quer ser para si. Perder o instante é propriamente tornar-se instantâneo e quebrar a corrente contínua da eternidade, pois amar comparativamente significa não amar: assim, é na comparação da infinidade com a finitude que o homem fica perdido.

Quando esse dever impede a comparação vemos que surge uma nova relação, a saber, a do amor com a ideia de Deus, pois a relação de dívida entre homem e homem é transferida para a relação entre homem e Deus. No mais íntimo é que se dá o juízo do amor que se relaciona com Deus, já que é Ele que educa o amor numa pessoa e o faz para enviar o amor ao mundo, completamente ocupado com a tarefa. E com tudo isso, devemos ter sempre em mente que, na medida em que fizermos isto ou nos esforçarmos para fazê-lo, as coisas irão de mal a pior para nós enquanto estivermos no mundo. Enquanto um homem trabalhe com abnegação para desenvolver em si um caráter cristão, logo lhe surgirão as adversidades, porque a oposição do mundo está numa relação essencial para com a interioridade cristã.

Dando continuidade, na *segunda série* de discursos Kierkegaard ressaltará a característica principal de todo discurso humano sobre as coisas do espírito como sendo, essencialmente, um discurso transposto, onde um homem opera a passagem ao espírito ou se deixa transpor para esse outro lado, contudo, sem abandonar o mundo sensível. Por consequência, sua linguagem é transposta, secreta e invisível como o espírito, onde seu segredo consiste em ser e se utilizar da simplicidade e da calma em sentido transposto.

Um importante exemplo de expressão transposta é o uso cristão do termo “edificar”. O discurso do espírito recorre a essa palavra dada e tão banal, renovando sua ideia e designando, através dela, o que há de mais sublime e da maneira mais interior. Edificar significa, na linguagem usual, construir para o alto a partir de fundações, onde a essa altura corresponde inversamente uma profundidade. Nosso filósofo identifica aqui uma exclusiva correspondência entre o edificar, no sentido espiritual, e o amor que ora analisamos, pois quando algo é edificante, o amor está presente, e, por sua vez, o amor edifica. Onde quer um esteja o outro estará também.

A obra do amor que consiste em edificar vem a significar que o que ama pressupõe que o amor esteja no coração da outra pessoa, e justamente por isso edifica nela o amor a partir da fundação que ele pressupõe. Em suma, ver o amor edificar é o que há de mais edificante, e tudo pode ser dito e feito de modo edificante, pois onde quer que esteja o edificante, está o amor, e onde quer que haja o amor, há o edificante, e tão logo o amor esteja presente, ele edifica. “Mas agora, o que é amor? Amor é pressupor amor; ter amor é pressupor amor nos outros; ser amoroso é pressupor que o outros sejam amorosos” (KIERKEGAARD, 2013, p. 254).

Estando firmado nesse fundamento o amor consegue, em sua plenitude, “*tudo crê, sem, no entanto, jamais ser iludido*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 256), porque ele não se deixar levar pelo autoengano desviando-se, mas permanece no amor crendo em tudo. De sorte que aquele que tenta enganar o amoroso acaba por lograr a si próprio, pois quem ama jamais se ilude, ainda que seja enganado ou traído. Em consonância, “*O amor espera tudo - sem, no entanto, jamais ser confundido*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 280), pois esperar tudo amorosamente designa a relação do amoroso para com as outras pessoas, que em relação a elas ele mantenha constantemente aberta a possibilidade com uma infinita predileção pela possibilidade do bem, sem jamais se envergonhar, já que a esperança tem uma relação direta com a eternidade e essa última tem sua ideia própria sobre honra e vergonha.

Aqui relembremos da virtude que acompanha o amor e que consiste em fazer com que o amoroso passe despercebido enquanto ama, de modo que o amado não se torne dependente dele por lhe dever o benefício supremo. A maneira verdadeira de se fazer isso é invisivelmente, liberando o mundo e os interessados de toda dependência, escondendo seu auxílio ao ajudar o próximo a manter-se por si próprio. Tanto no mundo social quanto no mundo do espírito o vir a tornar-se senhor de si mesmo é o máximo bem possível, entretanto aqui benefício ainda maior é o ajudar amorosamente alguém a tornar-se tal e ajudá-lo a se manter de pé sozinho. Nas palavras de Kierkegaard (2013, p. 308): “O amor não procura o que é seu; pois ele prefere dar de tal maneira que o dom parece ser propriedade de quem o recebe”.

A maiêutica socrática (“dar à luz”, “parir” o conhecimento), que no bom sentido é tão infinitamente astuciosa e ardilosa, também compreendia em profundidade que o máximo que um ser humano pode fazer por um outro é torná-lo livre e ajudá-lo a se manter por si mesmo. O verdadeiro amoroso e o parteiro de ideias, nessa compreensão do que seja socorrer um outro ser humano, estão de acordo, contudo, este último, embora esteja consciente de todos os seus esforços para lograr o outro para dentro da verdade, ainda acaba guardando a autoconsciência de sua engenhosidade desinteressada. Por outro lado, o amoroso tem como sua arte justamente conseguir fazer tudo pela outra pessoa e dar a impressão de nada ter feito, sem nem mesmo se comprazer com a consciência de sua engenhosidade. Para ele o trabalho é ajudar o outro em sua relação com Deus e, assim, o amoroso realiza um auto aniquilamento para que nada impeça isso, fazendo desaparecer infinitamente toda sua ajuda na relação com Deus. Com esse auto aniquilamento, o amor cobre uma multidão de pecados: “O amor cobre a multidão dos pecados. Pois não os descobre; porém o não descobrir o que, no entanto, deve estar aí, na medida em que se deixa descobrir, é cobrir” (KIERKEGAARD, 2013, p. 334).

Com esse auto aniquilamento, o amoroso, *com os olhos abertos*, finge que não consegue ver o que está bem na sua frente, a saber, o mal, mesmo em meio à zombaria e à impiedade, ao ódio e aos insultos, amorosamente ele nada descobre, encobrindo toda a multidão de pecados. Todo esse mal não causa danos ao amoroso que, quase como um estoico, não recebe dano, pois não descobriu esses pecados ao



se amargurar. Mas, o fator que diferencia o amoroso e o estoico aqui novamente é o amor, que não apenas protege o amoroso de se ofender, mas também não considera o ato danoso do outro como parte da multidão de pecados alheia.

Indo além, Kierkegaard afirma que mesmo "quando o amor não pode impedir-se de ver e ouvir, ele o cobre ao se calar, ao dar uma explicação *amenizante*, ao perdoar" (KIERKEGAARD, 2013, p. 334). Vendo dessa forma, se sou amoroso, optarei por uma explicação mais suave e atenuante que, por sua vez, encobre a multidão dos pecados; caso não o seja, a explicação se revela como um culpar ou julgar, exatamente por falta de amor, o que aumenta a multidão dos pecados.

Por fim, também "O amor cobre a multidão dos pecados; pois o amor impede que o pecado surja, ele o sufoca em seu nascimento" (KIERKEGAARD, 2013, p. 334). Há aqui uma relação da fé intrínseca entre o perdão e o pecado, pois a fé se relaciona sempre com aquilo que não se vê, assim o invisível consiste em que aquilo que é visto, contudo, não é visto. Da mesma forma o amoroso, ao perdoar, crê que o visível (o pecado em questão) esteja excluído, que não exista mais, que não é mais possível vê-lo. O perdão retira a vida do pecado e o apaga com o amor, mas ao se recusar o perdão o pecado é alimentado e multiplica-se, pois o pecado cresce pelo pecado.

Da mesma forma, aquele que verdadeiramente é um amoroso jamais cai fora do amor, pois o amor jamais passará e, por isso, é certo que não podemos deixar de amar caso formos verdadeiramente amorosos, permaneçamos no amor e amando. Nisso consiste que uma relação de amor não seja apenas uma relação à dois, mas sim a três: aquele que ama, aquele que é objeto do amor e o próprio amor, atrelado e constante. O amoroso que permanece no amor conserva a si mesmo no amor e mantém o amor a cada instante em obra, produzindo efeitos, fazendo permanecer o seu amor e permanecendo ele mesmo *o amoroso* ao permanecer no amor. Essa posição que o amor toma serve de consolo tanto para o que ama quanto para o que "caiu fora" do amor, pois não excluiu a possibilidade da restauração, do momento do perdão e da reconciliação no amor com a alegria bem-aventurada da eternidade ao permanecer no amor, vencer o rompimento e eliminar o passado.

Enquanto aquele que ama não cair fora do amor, ele pode realizar o milagre de impedir as rupturas, no ínterim que permanece no amor, aliado com o eterno e contando com suas forças, a ruptura jamais poderá efetuar-se verdadeiramente, e com um golpe decisivo a eternidade transforma um rompimento no passado em uma relação possível no futuro. Esse é o espírito de conciliação no amor que verdadeiramente já perdoou e se reconciliou com o inimigo antes mesmo de ser procurado para isso, o amoroso desde sempre combate em favor de seus adversários. "O verdadeiro espírito de conciliação consiste em que sejamos os que oferecem a conciliação quando, é bom notar, não somos os que precisam do perdão". (KIERKEGAARD, 2013, p. 378).

É justamente graças a esse terceiro elemento (o amor ou mais exatamente a relação com Deus) que faz com que ambos, o amoroso e o desamoroso, se humilhem igualmente diante do bem, o que habilmente opera o milagre de não haver nada de humilhante para nenhum deles. Vemos, por conseguinte, que o verdadeiramente amoroso é justamente flexível, ocultando a si próprio diante do vencido para dar lugar a majestade do bem e do verdadeiro, permanecendo apenas ocultamente presente, como uma sombra de rascunho quase imperceptível numa tela divinamente pintada.

O amoroso corteja conquistar o amor de uma outra pessoa, tentando livrá-lo do mal, da humilhação de ser vencido, da tristeza que é ser carente de perdão, removendo todo conflito imaginável por um milagre divino, se esforçando por obter o amor do vencido. E ainda que a morte bata na porta dessa relação de amor e caia

sobre o amado com seu agulhão, o vivente amoroso é encarregado de mais uma última tarefa, o dever de amar aqueles que a morte levou, sem importunar os falecidos com suas queixas e problemas, mas tratá-los com respeito, carinho, sinceridade, decência e fidelidade, sempre recordando-os num choro silencioso de saudade.

Essa obra do amor, que consiste em recordar uma pessoa falecida, é a forma de amor mais desinteressado, pois permanece mesmo após afastar de si toda possibilidade de retribuição provinda do morto, que não retribui em sentido algum. Ela também é a forma mais livre de amor que há, pois permanece mesmo após afastar de si tudo o que poderia de alguma forma coagir alguém a manifestar seu amor, já que todo amor que se exerce assim sob um outro efeito além de si mesmo não é inteiramente livre. Por fim, essa obra também é a forma de amor mais fiel que há, pois permanece mesmo após afastar de si tudo aquilo com que o objeto do amor poderia, de alguma maneira, ajudá-lo a ser fiel. Importa, no entanto, fazer uma ressalva:

O dever de amar as pessoas que vemos não pode cessar pelo fato de que a morte as separou de nós, pois o dever é eterno; mas, por conseguinte, o dever para com os falecidos de maneira alguma pode separar-nos dos que conosco convivem, de tal maneira que esses não ficassem objeto de nosso amor (KIERKEGAARD, 2013, p. 400).

Mas, caso ames, o desvalido e desamparado que a morte levou, guarda-o com amor em tua recordação e permaneces fiel de forma desinteressada e livre, e assim poderás até aprender com o falecido a como amar as pessoas vivas de modo desinteressado, livre e fiel, contra todo o monte de desculpas egoístas e distrações cotidianas de que a realidade dispõe.

Depois de tudo o que se falou sobre o amor até agora, pode-se tirar a conclusão de que amar não está essencialmente condicionada pelo acaso do talento pessoal de alguém, como se houvesse pessoas específicas a quem caberia o amor, tal qual uma arte para privilegiados. Cada um por si só pode ser um amoroso verdadeiro, pois amar é uma obra relacionada à humanidade em geral, logo sua arte não está em dizê-lo, mas em fazê-lo, assumindo o trabalho da obra que é amar, realizando um tal elogio do amor que demanda tempo e aplicação.

Esse elogio deve ser feito de forma proveitosa, com apenas um único pensamento de ordem infinita em mente, voltado para o interior e num crescendo de intensidade na paixão e na humildade, na mais estrita abstinência espiritual e obediente auto abnegação de qualquer outro pensamento. Assim, ser amoroso é, no amor pela verdade e pelos seres humanos, dispor-se a fazer qualquer sacrifício para anunciar o que é verdadeiro no auto sacrifício e no desinteresse.

Conclui Kierkegaard que, para se poder elogiar o amor, além de uma auto abnegação interior, é preciso também um desapego exterior que se sacrifica, jogando fora toda possibilidade de vaidade, orgulho ou qualquer outra razão fútil que faria com que o ato não fosse exclusivamente por amor.

#### 4 A CRÍTICA

Como mencionamos em nossa introdução, Adorno tivera a explícita companhia das obras de Kierkegaard, sobretudo no início de sua carreira filosófica, a tal ponto que dedicou seus estudos em torno de sua tese de habilitação a uma avaliação crítica das obras do mestre dinamarquês: *Kierkegaard: Konstruktion des Ästhetischen* (1933). Sobre esse expoente da escola de Frankfurt, Pich (2021, p. 282-3) sustenta que ele “vira em Kierkegaard um aliado em sua crítica, contra o hegelianismo, à tirania

do conceito sobre o particular, e que reconhecia na face teológica do pensamento de Kierkegaard uma visão mais positiva sobre a realidade”.

No ensaio *A doutrina kierkegaardiana do amor*, Adorno apresenta uma análise da questão da verdadeira relação entre filosofia e teologia em Kierkegaard a partir de uma leitura crítica d’*As Obras do Amor*. Sob o ponto de vista de Adorno, em Kierkegaard, o paradoxo cristão construído filosoficamente se revela como escândalo; é a loucura que determina o *gestus* do discurso religioso. No que segue, veremos como Adorno desenvolve uma crítica às ideias de Kierkegaard sobre o amor.

A primeira crítica de Adorno pode ser resumida com a expressão “carência de objeto”. Adorno sugere que, de acordo com a doutrina kierkegaardiana do amor ao próximo e da justificação perante a eternidade, é a carência de objeto o que determina a substancialidade desse amor, o que, por sua vez, torna o outro ser humano em um mero “impulso inicial” para a interioridade subjetiva. Com outras palavras, a absoluta interiorização do amor esvaziaria o amado, o excluiria de sua concretude e particularidade.

Kierkegaard descreve o amor cristão ao homem em acentuada oposição ao amor natural e imediato, onde se ama a cada homem, por amor a Deus e numa relação com Deus, pura e simplesmente, sem acepção de sua condição específica ou de qualquer inclinação natural para com determinado ser humano. Dessa forma, o que realmente decidiria na relação de amor seriam apenas as qualidades subjetivas do amoroso (*liebenden*, ou do amante), a saber, o desinteresse extremo, a confiança ilimitada, a invisibilidade no amar, a misericórdia mesmo que em impotência real, a abnegação total e a fidelidade contínua. “Qualquer ‘predileção’ é excluída com um rigorismo que só pode ser comparado com a ética kantiana do dever” (ADORNO, 2013, p. 315).

Contudo, para Adorno, isso faz parecer que o objeto do amor se torna, num certo sentido, indiferente. A rigor, o amado é desvalorizado não só como objeto, mas também como sujeito, logo, essa humanidade genérica ultrapassa o limiar do desprezo da humanidade. Adorno continua ao apontar que, aqui, àquele que é amado cristãmente não interessa se é amado, na medida em que ele não tem poder sobre esse amor, portanto, essa dialética do amor leva ao desamor, pois exige do amor que se comporte frente a todos os homens como se estivessem mortos.

A realidade externa, por sua vez, também aparenta só se fazer valer aí na medida em que concebe a oportunidade ao amor de apanhar o universal sempre na forma de sua individuação.

A segunda crítica de Adorno se refere à caracterização dessa tendência como demoníaca e todo o efeito inverso que pode ser gerado através dessa doutrina de amor exacerbado num egocentrismo com camuflagem de interioridade. Com efeito, para Kierkegaard, o amor só é cristão como ruptura da natureza, quando significa ruptura dos impulsos próprios e imediatos, que devem ser substituídos pela relação espiritual com Deus. Revelando uma grandiosa e nítida resistência contra o curso do mundo, esse amor é ruptura com todo e qualquer interesse por si próprio, por mais sublimado que esteja, ao exigir do amante amar contra toda a razão, levado ao extremo absurdo.

Adorno enfatiza que o exagero da transcendência do amor ameaça constantemente transformar-se em algo sombrio e tenebroso, tomando proporções inversas às desejadas, onde a espiritualização do cristianismo se transmuda em paganismo. Aqui o mandamento do amor, comandado por causa de sua impossibilidade, termina no aniquilamento do próprio amor e na instalação de um ditado cego, sem conteúdo próprio e transmutando-se para apenas mais um assunto

do mero direito abstrato. Logo, o primado do conceito universal sobre o particular efetua uma regressão a um estado ainda não individuado, como que anônimo, assim, o caráter abstrato da ideia pura conjura a monotonia abstrata das relações meramente naturais.

A recaída na mitologia, na magia da ascese, é preparada justamente por aquela espiritualização que não tem consideração por nada. Quanto mais cruelmente Kierkegaard pretende expulsar com o forçado a natureza, tanto mais completamente decai nela (ADORNO, 2013, p. 317).

O pressuposto essencial da doutrina kierkegaardiana do amor é o conceito do próximo e a transformação que essa categoria experimentou no campo da filosofia da história. Está aqui o cerne da terceira crítica adorniana, na medida em que o próximo se reduz assim ao princípio universal do outro ou do universalmente humano, logo o *próximo individual* assume, apesar de todo o discurso sobre o indivíduo, o caráter de contingência.

Kierkegaard indica, no sentido de sua noção de interioridade absoluta, que o próximo é propriamente a reduplicação de tua própria identidade, o outro que a filosofia comumente já conhece e trabalha com. O caráter abstrato do próximo é reconhecido e enaltecido como expressão da igualdade dos homens diante de Deus, tomando o indivíduo sempre do jeito que o encontrar, como algo dado, ao qual não se pode ou deve questionar a dignidade de ser amado. “O próximo é todo e qualquer homem [...] ele é o teu próximo por ser igual a ti diante de Deus; mas essa igualdade absolutamente todo homem tem, e a tem incondicionalmente” (ADORNO, 2013, p. 320).

Adorno também questiona a ideia de Kierkegaard de que o agir impotente seria um ato de amor verdadeiro, que ele seria a comprovação desse amor, de modo que a interioridade pura se torna a medida do agir. Contra isso, Adorno impõe a objeção de que não se pode introduzir o conceito da práxis da vida real como medida do amor ao próximo quando em verdade está excluído dessa práxis o mundo no qual ela poderia atuar. Que nenhuma práxis é possível sem aquele que a exerce assuma ele mesmo algo daquilo que Kierkegaard atribui a Providência. “O rigorismo ascético só é mantido por Kierkegaard abstratamente; ele o abafa logo que poderia conduzir a conflitos sérios com o ‘status quo’, o qual ele condena no conceito” (ADORNO, 2013, p. 326).

Portanto, a crítica de Adorno tende à conclusão de uma insuficiência do conceito de próximo kierkegaardiano e que sua existência seria nula, já que o amor é impossível quando, em virtude dos pressupostos sociais de suas relações, os próprios homens se tornaram objetos, como hoje em dia o são. Adorno também aponta que Kierkegaard não quer perceber e nem protesta contra a crueldade da coisificação e que justamente ele se agarra obstinadamente ao seu conceito de próximo, que por sua vez, também foi coisificado, pois se vê privado de sentido e concretude.

Por fim, Adorno caracteriza a doutrina kierkegaardiana como socialmente conformista, onde a qualquer momento ela pode se degenerar em opressão e misantropia. O que em Kierkegaard é visto como um dever, a saber, achar amável o objeto que uma vez lhe é dado, a crítica adorniana enxerga não apenas como uma exigência exagerada, mas também como um reforço e um chamado à reprodução pela aceitação do dado desumanizante que justamente é a objetivação do homem contra o qual se dirige tal doutrina do amor, ou seja, uma evidente contradição.

O crítico ainda assevera que uma doutrina do amor que se pretenda realista é inseparável de uma compreensão da sociedade e isso parece ter permanecido vedado para o filósofo do paradoxo religioso. Em lugar da crítica à desigualdade da sociedade aparece uma doutrina fictícia, meramente interior, de igualdade.

A exposição do elemento insubmisso de sua doutrina do amor tem de contar com a objeção de que as visões inutilmente críticas de Kierkegaard seriam tão abstratas e permaneceriam tão distantes da realidade quanto a sua doutrina do próximo (ADORNO, 2013, p. 327).

Contudo, segundo Adorno, o livro sobre o amor indicou, já naquele tempo, uma tendência da sociedade atual de massas, que em seu tempo deve ter estado ainda bastante latente, a saber, a substituição do pensamento espontâneo pela adaptação automatizada, tal como se efetua em conexão com as forças modernas de informação. Nessa hostilidade às massas, presente em Kierkegaard, por mais conservador que seja seu comportamento, esconde-se algo da compreensão da mutilação do homem pelos mecanismos de dominação que o transformam em massa. Para Adorno é evidente que Kierkegaard deixa incólume a desigualdade do mundo, mas este tem para essa desigualdade o olhar saturnino, quase se diria, o olhar do amor.

Em todo o caso, Adorno reconhece que a exigência de sobriedade, a denúncia da felicidade intramundana, o conceito de possibilidade como o eterno paradoxal da esperança, sua luta contra o saber que só se constrói a posteriori, seu protesto contra a mera reprodução da vida e contra um mundo que se determina pela razão calculadora da troca equivalente, é isso em geral que confere aos motivos críticos de Kierkegaard seriedade e dignidade, a qual sua ideia da liberdade das relações humanas frente a qualquer meta se revela como redenção colocada diante da seriedade do eterno.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como recapitulação, lembremos que Adorno lançou, à filosofia do amor de Kierkegaard a acusação de conservadorismo (um amor espiritualista e desencarnado, focado numa interioridade vazia do indivíduo) e de pouco realismo efetivo (uma ética intimista, na perspectiva apenas do eterno e de uma forma cegamente passiva diante do mundo). Pich (2021, p. 322) ressalta que nas páginas d’*As Obras do Amor*, “não conseguimos ver em Kierkegaard um arguto analista das disposições sociais e políticas de seu tempo que, estrutural e sistemicamente, moldam o indivíduo e condicionam toda ideia de subjetividade.” Se de fato Kierkegaard desconsidera as demandas sociais e políticas do seu tempo, não o podemos decidir por enquanto.

Contudo, cabe-nos dizer que a leitura de Adorno de que o *ethos* do amor é decidido somente pelas “qualidades subjetivas do amante”, guarda certa limitação, pois o conteúdo do dever de amar e a sua legitimação em si (o próprio amor que nos manda amar se faz concreto nesse agir e se realiza nessa ação) não se define apenas por aquilo que, em Deus como ser relacional primeiro e intermediário, dá-se no agente do amor, mas sempre no conteúdo real que, a partir daquela mediação, é a efetivação do amor para com o próximo, seja ele quem for e não importando em qual situação ou contexto, ele ou nós, estejamos. Mas amar o próximo, que é qualquer ser humano, não significa apenas amar de maneira abstrata (uma obra de amor nunca é abstrata). Amar o próximo é, como Kierkegaard sugere, “amar as pessoas que nós vemos”, pois “o mais perigoso de todos os subterfúgios a respeito do amor consiste em querer unicamente amar o invisível ou aquilo que não se viu” (KIERKEGAARD, 2013, p.190).

De sorte que o amor deve ser sempre concreto, dirigido à pessoa real que encontramos diante de nós. Sendo assim, “*antes de mais nada devemos renunciar a todas a representações fantásticas e exaltadas de um mundo de sonhos [...] temos de nos tornar sóbrios, conquistar a realidade efetiva [...]*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 190, grifos do autor). E Kierkegaard ainda completa:

Se o dever consiste em, no amor, amar os homens que se vê, *então o que vale é que ao amar o homem real individual não se introduza sub-repticiamente uma representação ilusória de como se acharia ou se poderia querer que este homem devesse ser*. Pois aquele que faz isto, não ama, afinal de contas, o homem que vê, mas ama, isto sim, algo de invisível, sua própria representação ou alguma outra coisa similar (KIERKEGAARD, 2013, p. 193, grifos do autor).

Nota-se, com isso, que por mais que as qualidades subjetivas do amante sejam decisivas, o seu amor será sempre dirigido a uma pessoa concreta e real, de modo que esta pessoa é amada por aquilo que ela afetivamente é, em sua individualidade. Essa ideia talvez acrescente um dado importante à crítica de Adorno segundo a qual o *próximo* seria um mero impulso inicial e, como tal, contingente, para a interioridade subjetiva. As passagens supracitadas, por exemplo, parecem sugerir uma leitura diferente daquela feita por Adorno.

Antes de finalizarmos, vale ressaltar ainda que a interpretação kierkegaardiana baseia-se numa concepção radicalmente assumida a respeito do crístico. Todos os discursos que compõem *As Obras do Amor* estão permeados da ideia de que o crístico se contrapõe essencialmente ao mundano. As categorias que servem para descrever as situações mundanas são ou subvertidas, ou transpostas pelo discurso cristão. Significa que a lógica do mundo não suporta os conteúdos crísticos. Talvez Adorno tenha sentido falta exatamente desse elemento do *mundo*, da mundanidade concreta que é efetivada no corpo social e na política. Mas é possível que Kierkegaard esteja situando sua obra em um lugar diferente daquele ocupado pelas demandas concretas da política. Ele mesmo assim se expressa em um opúsculo dedicado ao conceito de “Indivíduo”:

Nesses tempos, tudo é política. A concepção do religioso difere do político com toda a distância do céu (*toto coelo*), tal como o ponto de partida e o fim diferem nesta matéria com toda a distância do céu (*toto coelo*), uma vez que o político começa na terra para aí permanecer, ao passo que o religioso, que vem do alto, pretende transfigurar o terrestre para o elevar em seguida ao céu [...] Apesar do seu caráter ‘não-prático’, o religioso não deixa de ser a tradução transfigurada que a eternidade dá do mais belo sonho da política. Nenhum político, nenhum espírito do mundo, conseguiu e pode levar até à sua última consequência ou realizar a ideia da igualdade humana. Será sempre impossível realizá-la completamente na mundanidade [...] Só a ordem religiosa, com o auxílio da eternidade, pode realizar até ao fim a igualdade humana, a qual é divina, essencial, não mundana verdadeira, e a única possível; e, diga-se para sua glorificação, é também por isso que o religioso representa o verdadeiramente humano (KIERKEGAARD, 2002, p. 107-108).

Dito isso, vale salientar, por fim, que a interpretação de Adorno sobre Kierkegaard consistiu em um trabalho pioneiro de análise crítica da cultura, se debruçando sobre os discursos religiosos kierkegaardiano na década de 40, não só revelando parte do desenvolvimento de sua produção, como também abrindo novas perspectivas para a compreensão da obra de Kierkegaard. Quando o nosso filósofo

alemão redigia o texto por nós trabalhado ele estava nos Estados Unidos. Não é à toa que sua crítica tenha seguido por uma vertente dura ao ponto de acusar a filosofia de Kierkegaard de espiritualismo desencarnado e de denunciar sua concepção de interioridade como “vazia”. Importa ter em conta todo o contexto de ódio pré-guerra que se estabelecia na Europa e a *mundanização* da igreja e da sociedade cristã conformista e burguesa de seu tempo.

Quase duas décadas depois das críticas apresentadas em *A Doutrina Kierkegaardiana do Amor*, Adorno revisará sua perspectiva a respeito do “*magister*” de Copenhague em um novo escrito dedicado ao 150º aniversário de Kierkegaard. Em *Kierkegaard Outra Vez* (1963) Adorno reconhece em Kierkegaard uma voz crítica relevante e chama a atenção para o seu lado não conformista, enaltecendo o alcance e a força da obra kierkegaardiana através de seus textos e análises, um importante passo para a recepção do autor dinamarquês na filosofia ocidental do século 20.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **A doutrina kierkegaardiana do amor**; apresentação e tradução, Álvaro Luís Montenegro Valls; revisão da tradução, Else Hagelund. – Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Søren A. **As obras do Amor**; apresentação e tradução, Álvaro Luís Montenegro Valls; revisão da tradução, Else Hagelund. – Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escritor**. Tradução de João Gama, Lisboa: Edições 70, 2002.

PICH, Roberto Hofmeister. Uma religião do Amor e da Justiça? Sobre a ética cristã a partir de *As Obras do Amor*, de Kierkegaard. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, Brasília, v. 8 n.º 1, 2021.

VALLS, Álvaro L. M. O amor ao próximo, especificamente cristão. Sua exposição nas “Obras do Amor” e sua crítica por Adorno. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, 1993.

1º Ciclo de Conferências - "Kierkegaard e Adorno". [ROUANET, Sérgio Paulo]. 19 mar, 2013. 1 vídeo (49 min). Publicado pelo canal Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHLhNPq3L2c>. Acesso em: 09 jul. 2022.

Aula magna de abertura do semestre 2020.2 com Álvaro Valls: Adorno, leitor de Kierkegaard. [VALLS, Álvaro L. M.]. 22 abr., 2021. 1 vídeo (2 hrs 29 min). Publicado pelo canal Departamento de Filosofia – Caicó. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-H6AL1b0IQ>. Acesso em: 09 jul. 2022.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano (orientador, professor, sensei e amigo) por todos os ensinamentos e dedicação à minha formação.

Aos demais professores do Curso de Filosofia da UEPB pelas aulas ministradas, leituras sugeridas e momentos compartilhados ao longo da minha jornada acadêmica.